

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

The child's self-image with children's literature: literary mediation to value diversity and anti-racist practices

Stefania de Brito Matos de Oliveira
Instituto de Educação
Lisboa-Portugal
Jaklane de Abreu Santos
Prefeitura Municipal de Senador Rui Palmeira
Alagoas-Brasil

Resumo

A formação da autoimagem das crianças é influenciada pelas representações que elas encontram em diferentes ambientes. Este estudo envolve estratégias de mediações literárias para a valorização da identidade dos estudantes, desenvolve-se no estado de Alagoas, na região Nordeste do Brasil, e é respaldado pela metodologia da investigação-ação. Emerge de uma formação contínua de professores com docentes de 4 regiões do Brasil, a partir de uma pesquisa de doutorado. A professora de Alagoas atuou como investigadora e mediadora literária em seu contexto educativo, refletiu e agiu para a promoção de práticas antirracistas e de valorização da identidade dos estudantes. O estudo revelou a necessidade da promoção de obras e mediações literárias que prestigiam as diversidades étnico-raciais para a aceitação, compreensão e valorização dos estudantes e suas especificidades.

Palavras-chave: Mediação Literária; Identidade; Práticas antirracistas.

Abstract

The formation of children's self-image is influenced by the representations they encounter in different environments. This study involves literary mediation strategies to enhance students' identity, taking place in the state of Alagoas, in the Northeast region of Brazil, and is supported by the methodology of action research. It emerges from continuous teacher training with teachers from 4 regions of Brazil, based on doctoral research. The teacher from Alagoas acted as a researcher and literary mediator in her educational context, reflected and acted to promote anti-racist practices and value the identity of students. The study revealed the need to promote works and literary mediations that honor ethnic-racial diversities for the acceptance, understanding and appreciation of students and their specificities.

Keywords: Literary Mediation; Identity; Anti-racist practices.

1. Introdução

O processo de construção da autoimagem da criança é algo que vai passar pelas referências que são apresentadas a ela. De acordo com Nogueira (1998), quando a criança passa a ter experiências para além do ambiente familiar, estereótipos são agregados na construção de sua identidade e autoimagem.

Os brinquedos, por exemplo, trazem estereótipos que padronizam, por vezes, o belo, o bom e o correto a seguir socialmente. É comum visualizarmos bonecas com traços que remetem a uma origem europeia, pele alva, cabelos loiros e olhos azuis; diante disso, a criança Negra não visualiza bonecas semelhantes aos marcadores de sua identificação étnico-racial, o que desfavorece a sua aceitação corporal (Piagge; Souza, 2018).

Essa aceitação corporal é favorecida por representações que a criança encontra em suas vivências e interações. Além dos brinquedos, os livros infantis também perpassam o cotidiano dela, apresentando-se como um objeto (Loyola, 2011; Cordeiro, 2022) que faz parte das rotinas escolares, do seio familiar e da comunidade em que ela está inserida. Assim, as mensagens e imagens presentes nos livros provocam reflexões, aguçam curiosidades e desenvolvem aprendizados.

Sabendo que literatura infantil tem o potencial de mobilizar percepções sensoriais, ação, pensamento e conceitos relacionados aos grupos sociais aos quais pertencem (Mariosa e Reis, 2011; Sierra; Pinheiro, 2022) o contato com obras literárias, narrativas orais e estratégias com e sobre histórias podem estimular e valorizar as especificidades das pessoas que a articulam.

A pensar no trabalho com a literatura para a infância a ser desenvolvido por professores e educadores com crianças que se encontram em processo de letramento, este artigo tem como base a possibilidade de desenvolver estratégias e práticas antirracistas que venham a favorecer a valorização da identidade das crianças e a pluralidade dos contextos educativos. Emerge de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo compreender como um dispositivo de formação de natureza dialógica e investigativa, apoiado na literatura para a infância, pode constituir-se como um processo de desenvolvimento profissional de professores das Séries Iniciais da Educação Básica, favorecendo aprendizagens e práticas de educação intercultural e inclusão.

A professora, docente do estado de Alagoas, região Nordeste do Brasil, participou de oito sessões de formação contínua com a formadora-investigadora e outros seis professores de quatro regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Sul e Sudeste. O Primeiro ciclo de formação, que ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2023, não foi contemplado com um docente da região Centro Oeste, contudo, é almejado para o próximo ciclo. As sessões de formação foram abarcadas pelo diálogo intercultural, considerando “o diálogo intercultural como um possível instrumento de mudança da práxis escolar, em sentido democrático” (Santos; Queiroz, 2018, p. 364). Durante a formação, as professoras reconheceram as diferentes identidades presentes nas quatro regiões do Brasil e discutiram acerca de estratégias e práticas com a literatura para a infância. A docente alagoana, durante o processo de mediação literária e investigação, atuou como investigadora e mediadora literária em seu contexto educativo, identificou a problemática em sua vivência escolar e construiu um plano de mediação literária para a valorização da identidade dos estudantes.

Para ilustrar as etapas da mediação literária, este artigo descreve uma sequência de atividades realizadas em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. As atividades visam promover a educação intercultural, a valorização das identidades dos estudantes e o combate aos estereótipos. Um dos pontos de partida foi a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas.

A fundamentação teórica abrange os paradigmas da investigação-ação e estudos em que a literatura para a infância é utilizada como recurso de promoção e valorização da identidade e diversidade (Silva, 2020).

2. A Literatura para a Infância enquanto recurso mediador para tecer negritudes

Não existia o conceito de infância antes do século XVIII, as crianças eram vistas como miniaturas de adultos. A literatura direcionada às crianças nasce, no Brasil, no final do século XIX enquanto um produto oriundo do surgimento da burguesia, junto com ela, emerge a ideia de transmitir ensinamentos através de histórias para a construção de valores e condutas consideradas corretas a seguir (Zilberman, 2003).

As primeiras edições literárias tiveram influência europeia, Gonçalves e Carpenter (2013) mencionaram que muitos estereótipos e preconceitos relativos às questões sociais, religiosas e étnicas, não estão diretamente ligados à experiência individual. Eles “são ideias e crenças transmitidas como resultado de relações entre grupos” (Gonçalves; Carpenter, 2013,

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

p. 11). Essas relações foram explicitadas em manuscritos e posteriormente em estruturas literárias no decorrer da história.

Com a abolição da escravatura e início do processo de nacionalização, surgiu a editoração de livros, o que incluía aqueles dedicados ao público infantil, porém, em sua maioria, era uma literatura de cunho pedagógico e patriota. (Silva; Silva, 2011).

O patriotismo buscava enaltecer um Brasil rico, moralista, emoldurado nos padrões europeus, o que inviabilizava o Negro, Mulatos e aqueles que não faziam parte da classe ascendente da sociedade. A figura do Negro fora silenciada, conforme Castilho (2004), porque alguns escritores não os consideravam seres humanos e, mesmo que os considerassem, não podia aclamar um público oprimido (Castilho, 2004, p.104).

Por muito tempo, o Negro teve sua representação deturpada no seio da literatura. Em se tratando desta visibilidade direcionada ao público infanto-juvenil, no cenário brasileiro, o autor Monteiro Lobato, em 1932, publicou o livro *Reinações de Narizinho*, uma coletânea com contos direcionados às crianças e vivenciados no Sítio do Picapau Amarelo (Santos, 2007). Apesar de Lobato trazer personagens Negros em suas narrativas, é alvo de críticas devido aos estereótipos raciais em suas obras.

Filho (2016) analisou argumentos em três textos de diferentes publicações veiculadas na década de 2010: um em revista acadêmica (*Dados*) e dois em semanários vendidos em banca de jornal (*Carta Capital* e *Bravo*) que evidenciaram o racismo presente em obras de Monteiro Lobato. Após a análise, para Filho (2016, p.400):

Vale ressaltar que nos escritos de Lobato, evidentemente existem estereótipos raciais, mormente ligados à fenotipia. Diga-se de passagem, tratar-se de estereótipos que faziam parte das ideias dominantes, do linguajar corrente e em uso inclusivo nos campos jornalístico, científico, intelectual, político e jurídico da época em que Lobato viveu.

Gilza Bignotto (2021, p.70) apontou que, nas décadas finais do século XIX e XX, nos contos direcionados às crianças, as “personagens negras desempenham quase sempre o papel de algozes amaldiçoados ou vítimas de maldições”.

As discussões de Filho (2016) e Bignotto (2021) salientam que embora o autor Monteiro Lobato seja celebrado por suas contribuições à literatura destinada à infância, sua obra abarca estereótipos raciais e traços políticos, históricos e sociais comuns a autores da época em que viveu. Diante disso, a ideia que precisamos mudar as representações para o combate ao

racismo e valorização da identidade, é emergente (Munanga, 2005; Castilho, 2009; Silva e Silva, 2011). O universo apresentado nas obras literárias pode afetar o imaginário do leitor e contribuir para uma visão de supremacia em relação ao Negro, marginalizada e estereotipada, o que não favorece a equidade, cidadania e justiça.

2.1. O livro literário para a valorização das crianças Negras

Apenas nos anos 80, algumas mudanças foram sendo notórias no universo editorial brasileiro. A partir deste período, autores comprometidos com a diversidade e a inclusão começaram a ganhar espaço nas instituições de ensino brasileiras, produzindo obras que desafiam estereótipos negativos e promovem uma representação racial mais precisa e valorizada (Bignotto, 2021).

Uma das obras notáveis que desafia estereótipos é o livro ‘Menina Bonita do Laço de Fita’, escrito por Ana Maria Machado e publicado em 1986. A história apresenta uma encantadora menina Negra que desperta a admiração de um coelho branco. O coelho deseja ter a cor da menina e tenta muitos recursos para modificar-se. No conto de Machado, a beleza na ‘menina pretinha’ é evidenciada assim como a diversidade de cores de coelhos no desfecho da história. Esta obra é uma celebração da beleza Negra e uma resposta à ideia prejudicial de que a beleza está associada apenas a características eurocêntricas. O livro oferece uma mensagem poderosa de aceitação e diversidade, incentivando as crianças a valorizarem sua própria identidade racial e a respeitarem as diferenças.

Outra obra recente que merece destaque é ‘Cada um com seu Jeito, cada jeito é de um’, da autora Lucimar Rosa Dias. Esta história enaltece a personagem Luanda em seus aspectos físicos e intelectuais. A personagem é retratada como uma menina Negra, bela e inteligente, rompendo com estereótipos que historicamente marginalizaram personagens Negros na literatura infantil. O livro não apenas celebra a beleza Negra, mas também ressalta a importância do conhecimento e da individualidade.

Mudanças também são observadas no âmbito do Estado, mediante adoção de políticas e práticas que buscam a superação da desigualdade racial na Educação, considerando-a um espaço com histórico de desigualdades sociais e raciais (Gomes, 2011). A lei nº 10.639/03 (Oliveira; Carvalho, 2023) é vista como um marco, ao estabelecer diretrizes e incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

A normativa estabelece possibilidades para que seja possível, a partir da educação formal, compreender a importância da luta do Negro e de sua cultura para a formação

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

sociopolítica do Brasil. A lei impõe debates necessários e que precisam ser intensificados perante os casos recorrentes de racismo nas sociedades, caracterizado, por vezes, a partir de ideias preconceituosas, que excluem o Outro pela cor ou por fenótipos.

Logo, a inserção da temática racial e da história Afro no currículo, desencadeia certa pressão aos órgãos gestores do sistema de ensino sobre o papel da política educacional na construção da igualdade racial. Essa pressão, reflete na criação de materiais didáticos e de livros que promovam a conscientização acerca das identidades e dos contributos dos povos que constituem a população brasileira.

De acordo com Bento (2020), a literatura configura-se enquanto ferramenta que fortalece identidades no combate às discriminações. Logo, narrativas que trazem personagens Negras fortes e inteligentes influenciam a autoestima das crianças e dos jovens, sendo, portanto, instrumento de promoção à conscientização e construção identitária.

Caetano, Gomes e Castro (2022, p. 4), evidenciam que “as obras literárias podem motivar relações étnico-raciais igualitárias que permitam a apropriação, pelas crianças Negras e não-negras, do legado histórico-cultural africano e afro-brasileiro”. Portanto, elas oferecem às crianças a oportunidade de verem a si mesmas e aos outros de maneira mais positiva e inclusiva. Todavia, é importante reconhecer que a literatura para a infância não é apenas relevante para crianças de grupos étnicos minoritários, é igualmente crucial para toda a sociedade e contribui para reflexões sobre cidadania, justiça, equidade e valorização dos indivíduos e de suas especificidades.

A literatura para a infância não é apenas uma ferramenta educacional, mas também um veículo poderoso para moldar uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua diversidade. Portanto, investir na seleção e mediação adequada de obras literárias é fundamental para a construção de uma educação que promova a igualdade, justiça e equidade (Pinto *et al.*, 2022).

3. Resistência das crianças em autorreconhecer-se enquanto pessoa Negra: desafio do contexto educativo

Dada a história de exclusão, de negativa de direitos e de olhares pejorativos, assumir seu pertencimento étnico-racial implica dilemas ao enfrentar desqualificações, gestos e palavras. Esses dilemas estão presentes no cotidiano e se configuram como tensões na construção de sua subjetividade.

Segundo Nogueira (1998), diariamente, o Negro é levado a provar que é uma pessoa confiável e capaz de prosperar mediante estudo e trabalho. Ou seja, os sujeitos crescem diante de conflitos e reprovações em razão da sua negritude. Diante disso, as crianças Negras constituem-se sujeitos em situações de embate e esse fato influencia no seu autorreconhecimento enquanto pessoa Negra.

Torna-se um desafio, possibilitar que a criança Negra construa uma imagem positiva de sua ancestralidade, quando se está inserido em uma sociedade em que o racismo estrutural ainda prepondera os comportamentos e imaginário das pessoas. Observa-se, atualmente, um movimento em prol da visibilidade e representatividade do Negro na mídia e nos materiais didáticos, a exemplo da literatura infantojuvenil, contudo, a aceitação e compreensão acerca da identidade racial, para alguns indivíduos é um desafio. Tratando-se de crianças, as abordagens que envolvem etnia, raça e cultura, acabam por espelhar os fenômenos sociais que elas integram.

Durante a investigação, no contexto educativo deste estudo, percebemos como problemática a existência do “lápiz cor de pele” para colorir figuras humanas e a resistência de algumas crianças em reconhecer-se. Esse fenômeno destaca a importância de abordar as questões raciais de maneira sensível e inclusiva no ambiente educacional, buscando promover uma compreensão mais abrangente e respeitosa da diversidade racial.

Algumas crianças compreendem que são Negras, mas padronizam a cor bege para representar a sua tonalidade de pele, tal ação fomenta as indagações: A criança visualiza a sua pele na cor bege? A criança utiliza a cor bege por achar a tonalidade mais bonita? A criança percebe que podem existir cores e tonalidades diversas de pele? É uma resposta complexa, que requer um estudo a longo prazo para uma conclusão mais abrangente. Entretanto, a partir dos diálogos e sessões de mediação literária, a mediadora, investigadora e professora alagoana, notava uma resistência das crianças ao lápis de coloração preta. Assim como referiu Pinheiro (2014), observou que neste conflito de construção identitária estava impregnada a ideologia do branqueamento, que conduz o sujeito a uma admiração de uma imagem que não corresponde ao mesmo, camuflando, assim, seu pertencimento étnico-racial. Torres (2021, p.46), explicitou que se trata de uma maneira de repressão étnica presente em situações cotidianas, mas que, por vezes, busca-se esconder, deixa-se na penumbra, pois o racismo ainda é visto como um tabu.

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

À luz disso, percebe-se que o corpo branco representa o padrão de ser humano na sociedade, quando pensado que a construção do corpo humano implica atribuições simbólicas (Torres, 2021, p.76). No contexto social, o corpo branco e o corpo negro são frequentemente vistos como polos opostos, o que reflete o esforço sistemático em estabelecer a branquitude como o ideal e, simultaneamente, retratar a negritude por meio de estereótipos e características negativas.

Essa dicotomia social acaba por tornar o corpo Negro rejeitado, gerando conflitos na construção identitária das crianças Negras. Isso pode levá-las a perceberem suas características raciais com um olhar de autonegação. Logo, reforça-se a importância de abordar essas questões de maneira cuidadosa e inclusiva no ambiente educacional. Cientes disso, a literatura para a infância e a mediação literária foram mobilizadas nesse estudo.

4. A mediação literária para a valorização da identidade: uma investigação-ação

De maneira a valorizar a diversidade presente em uma turma do segundo ano, a professora-investigadora atuou como mediadora literária para a promoção da inclusão e da valorização das especificidades dos estudantes. Urge de uma investigação-ação, uma metodologia que possibilita a participação consciente e crítica dos cidadãos na sua formação. (Alves; Pereira, 2014).

Para Máximo-Esteves (2008), a investigação-ação surge quando um profissional qualificado e competente formula questões relevantes no âmbito de sua prática e pensa em estratégias e metodologias para solucionar a problemática. Segundo Elliott (1991) “podemos definir a investigação-ação como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da ação que nela decorre” (Elliott, 1991, p. 69). Com isso, a mediação literária foi realizada em uma Unidade de Ensino Municipal, localizada no interior alagoano, mais precisamente na região do Alto Sertão. As ações ocorreram entre os dias 05 de maio e 16 de junho de 2023, somando-se 4 momentos em um tempo de 1h cada um destes. Nessa perspectiva, a professora, investigadora e mediadora literária verificou como problemática presente no grupo de estudantes, a questão da não aceitação da própria cor de pele e etnia, emergindo enquanto tema de grande relevância e que permeou as estratégias dessa reflexão.

Sabendo que a investigação-ação envolve um contexto social com abordagem participativa, a pesquisa e a mediação literária seguiram as diretrizes relacionadas às questões éticas. A escola dialoga com os pais das crianças e esses têm conhecimento dos processos

desenvolvidos na instituição e das atividades que possam contribuir para a melhoria da aprendizagem e do ensino. Os objetivos, métodos, potenciais riscos e benefícios foram informados à comunidade educativa. Durante o processo de mediação e recolha de dados, através das atividades de mediação literária, a confidencialidade dos estudantes e informações pessoais foram mantidas. O percurso de investigação e ação, através da atividade de mediação literária, zelou para que os participantes fossem tratados com justiça e equidade. À luz disso, segundo Caetano (2019, p.58):

Os valores dos investigadores estão presentes no diagnóstico de problemas e na orientação da ação, dando-se particular relevo à reflexão sobre questões de poder, e a processos de negociação, com transparência. Acentua-se uma perspectiva democrática, dominada por princípios de autodeterminação, liberdade dos participantes, justiça social, participação, colaboração.

A mediadora literária, durante os encontros com o segundo ano, fomentou a comunicação horizontal no grupo, com estímulo para que as crianças pudessem expor suas opiniões, visões, pensamentos e aspirações sem julgamento e/ou avaliação. A todos que desejavam, era dado espaço para expressões, e as abordagens para os encontros seguintes eram negociadas. As crianças eram organizadas em círculo para que as faces fossem visualizadas e todas ‘as vozes’ escutadas, a docente sentava-se na mesma disposição dos discentes integrando uma ‘roda’. Os estudantes indicavam envolvimento reflexivo durante as apresentações das histórias, demonstravam interesse em escutar a mensagem e na construção de argumentos. O processo de mediação literária deu-se em quatro encontros, com momentos dedicados à preparação para a história, que podemos denominar de estratégias para a mediação literária, e os demais de oralização do livro literário para a infância, em que a mediadora lia o texto com a ilustração voltada para as crianças em uma dinâmica de ‘roda de leitura’. A partir do segundo encontro, observou-se processos interacionistas (Vygotsky, 2001) com a temática diversidade, a mediadora iniciava com as indagações: o que já descobrimos sobre diversidade? O que gostaríamos de conversar sobre a história que conheceram? Os diálogos, falas e movimentos dos estudantes foram registrados no diário de bordo da professora de Alagoas. Na perspectiva de trabalho colaborativo, pontos que podiam ser discutidos foram apresentados nas sessões de formação sem revelar a identidade dos envolvidos, permitindo análise e reflexão entre os colegas professores de quatro regiões do Brasil e de Lisboa. O objetivo dessa apresentação e debate

era favorecer a reflexão dos professores, partilhar textos de referência, livros para a infância, estratégias e recursos pedagógicos ligados à temática em evidência.

5. Resultados e discussões

As análises aferidas neste item foram discutidas, considerando cada dia de mediação literária, de modo que fosse possível compreender a evolução ou não das discussões, bem como as discussões apresentadas pelas crianças ao longo dos quatro dias.

O primeiro encontro entre a mediadora literária e os estudantes do segundo ano iniciou com a exploração da palavra diversidade. Foi solicitado que as crianças se organizassem em círculo para que pudessem apresentar-se, de modo que fosse compreendido a diversidade de famílias, de idades, de endereços que estavam presentes ali. Após apresentação daqueles que quiseram falar, as crianças identificaram algumas diferenças, tais como: idades, lugares onde moram, pessoas que moram com eles etc.

Em seguida, três crianças foram convidadas a ficar à frente para que os colegas pudessem identificar semelhanças e diferenças. Foram apontando timidamente e, juntos, perceberam que as pessoas podem ter mais diferenças do que características iguais. Para sistematizar um pouco esta discussão inicial, as crianças observaram fotos que traziam pessoas com características bem distintas, seja na cor da pele, no cabelo ou na altura.

Logo, sentiu-se a necessidade dessas crianças observarem suas características, assim foi realizada a ‘Dinâmica do Espelho’. Na dinâmica, os estudantes foram convidados a olharem dentro de uma caixa a pessoa mais bonita do mundo e não podiam compartilhar a informação com os colegas, dentro da caixa havia um espelho. Em sequência, solicitou-se que fizessem um autorretrato.

As primeiras ações evidenciaram que as crianças enxergavam as diferenças entre indivíduos, características variadas em seus colegas, contudo, não externavam as suas percepções com clareza, percebia-se o receio de descrever o colega como Negro, faziam uso da palavra moreno. Perceberam diferenças entre estatura, identificaram pessoas magras e outras com mais peso, citaram diferenças nos cabelos e, algumas, apesar do receio, falaram das diferenças de cor de pele, dizendo que as imagens traziam pessoas “morenas”, demonstrando apreensão em falar a palavra “Negra”.

Porém, fez-se preciso concordar com Nogueira (1998), ao dizer que as experiências externas à família, agregam estereótipos em meio à construção da identidade da criança.

Todos os autorretratos tinham a cor de pele representada por um lápis de cor rosa. A mediadora os deixou à vontade para finalizar a atividade. Todos apresentaram seu autorretrato, de forma tímida, e concluíram que nenhum dos desenhos era igual.

Observou-se, logo, que as crianças reconhecem sua identidade racial, mas tendem a associar as cores bege e rosa claro com cores adequadas para representar a tonalidade da pele. Constatou-se, nesse caso, um conflito de construção identitária, já frisado por Pinheiro (2014), ao dizer que a ideologia do branqueamento está impregnada na sociedade e levando os sujeitos a admirarem uma imagem que não corresponde à deles.

Em seguida, finalizando as atividades motivadoras para o trabalho com a literatura para a infância e concordando com Barreiros (2010, p. 05 apud Mariosa; Reis, 2011, p. 49), quando afirma que “a literatura afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade”, fora apresentada a literatura ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’, realizada a leitura pela mediadora.

O segundo encontro iniciou com o reconto da literatura ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’. A mediadora perguntou se as crianças lembravam-se da história. As crianças falaram o nome da personagem principal e identificaram que a história retrata uma família de pessoas negras. Algumas crianças falaram que as personagens eram feias. O adjetivo atribuído às personagens, pelas crianças, fomentou um diálogo sobre aspectos ligados às palavras feio e bonito. Durante o diálogo, algumas crianças salientaram que as personagens eram feias, contudo, não sabiam esclarecer o motivo, sugerindo que fosse pelas características físicas das imagens humanas.

Nesse momento, as percepções das crianças aproximaram-se das ideias de Torres (2021, p.23), quando evidencia que o corpo branco é visto como padrão na sociedade e esse fato, oriundo do preconceito racial, influencia a construção identitária do sujeito. De acordo com este autor, o preconceito racial concede características negativas a si mesmo esteticamente, causado pelo ideário branco. Essa questão foi perceptível após o momento da história, organizados em roda de conversa, ao mostra-lhes os autorretratos.

Observando as produções, a mediadora perguntou sobre a cor utilizada para representar a tonalidade da pele. Todos disseram que usaram a cor rosa, ou a “cor de pele”, apesar de perceberem que têm (a maioria) a mesma cor de pele das personagens da história. Buscou-se conversar sobre as outras “cores de pele”, porém observou-se certa resistência.

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

As crianças explicitaram que há uma diversidade de peles, mas, ao mesmo tempo, não aceitavam, padronizando a tonalidade rosa como a única “cor de pele”.

O fato se repetiu em outra atividade proposta: montar rostos. As crianças receberam imagens variadas de olhos, narizes, bocas para recortar e montar um rosto. O intuito era que percebessem as diferenças entre as pessoas. Solicitou-se, ainda, que desenhassem os cabelos e pintassem o rosto. Mais uma vez, o lápis “cor de pele” foi preponderante. Todos os rostos foram pintados de rosa.

Ocorreu, neste caso, mais um conflito em aceitar-se. Tal fato, representa uma realidade em que a criança Negra define-se levando em consideração o que a sociedade espera dela, assim como aponta Silva Nogueira (1998), o que envolve gostos e, principalmente, rejeições.

Para finalizar a segunda mediação, as crianças produziram “O desenho mais maravilhoso do mundo”, outra proposta de atividade, em que algumas fizeram uso de cores e tipos variados de lápis, enquanto outras crianças utilizaram somente um tipo de lápis e duas cores semelhantes. O objetivo da atividade foi possibilitar a reflexão sobre as diferenças, a diversidade, considerando que os desenhos coloridos, produzidos com o material diverso, com muitas cores, chamam mais atenção e, por vezes, são mais bonitos do que aqueles produzidos com duas cores, no entanto, em razão do tempo, a proposta não fora concluída neste segundo momento.

O terceiro encontro da mediadora com as crianças do segundo ano iniciou com o relato da história “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”. Após a contação, foi retomada a atividade do “desenho mais maravilhoso do mundo”, não finalizado na segunda mediação. Em seguida, ocorreu a discussão da atividade dos rostos montados e dos desenhos. Durante a apresentação dos desenhos e conversação, as crianças evidenciaram que as produções que tinham mais cores eram as mais bonitas, em detrimento das que apresentavam duas tonalidades similares, que ficaram sem maior destaque.

Foi perceptível que as crianças compreenderam, mediante a literatura, a existência de outros padrões, a partir da representatividade de personagens Negros, contudo, as referências da branquitude, ainda pareciam predominantes nos seus imaginários. Apesar de concluírem que os desenhos mais coloridos chamaram mais atenção, ao fazer referência à história e aos rostos montados e representados pela cor bege, ficaram sem maiores

argumentos para dizer o porquê de não buscar outras cores para a tonalidade de pele da montagem.

Logo, entende-se que neste segundo momento, assim como no primeiro, ocorreu um processo de negação de características ancestrais, onde as crianças associaram o “ser Negro” ao feio e, deste modo e de forma intencional, corroboram para a perpetuação do racismo (Torres, 2021, p.17). Isso leva-nos, mais uma vez, ao que Nogueira (1998) já colocara ao dizer que as experiências que a criança participa em diferentes espaços criam estereótipos que se inserem no processo de construção da autoimagem.

Para refletir sobre as ações desenvolvidas (finalizadas) nessa mediação, para concluir o terceiro momento e conversando com a Literatura ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’, foi apresentada a história ‘Lápis cor de Pele’, de Sueli Ferreira de Oliveira. Nessa história, a mediadora também solicita um desenho e uma criança ficou em dúvida sobre qual cor usar para representar a tonalidade da pele. Logo, a professora diz que ela pode usar o lápis cor de pele e a criança, dentre as várias cores, escolhe aquele que mais assemelha-se a sua cor.

Após a realização da oralização da história do livro para a turma, a mediadora perguntou se havia algo de parecido entre as duas literaturas. Algumas crianças fizeram referência a cor da pele das personagens, ambas Negras. Assim, fora indagado se alguém (crianças) achava que tinha a cor de pele similar às das personagens. As crianças mais falantes, reconheceram tal similaridade, ao mesmo tempo que recusaram características relativas ao universo do Negro.

No entanto, pode-se citar Hall (2005), também citado por Mariosa e Reis (2011), quando infere que a identidade é algo construído ao longo do tempo, em meio às vivências do sujeito e influências que sofre. Logo, a escola recebe um papel importante nesse processo, principalmente quando considerado seu acervo literário, pois como já citado ao longo desta escrita, a literatura é um campo fértil e oferece elementos que constroem significações para os leitores (Barreiros, apud Mariosa; Reis, 2011).

De tal forma, o quarto e último encontro objetivou discutir as diferenças entres as pessoas acerca dos tons de pele, buscando a elevação da autoestima e do autorreconhecimento das crianças enquanto Negras, considerando os elementos evidenciados nas literaturas apresentadas: ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’ e ‘Lápis cor de pele’, e, estimulando, também, aquelas crianças brancas a compreender e respeitar essa diversidade.

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

Para esse momento, considerou-se o que Castilho (2009, p. 112) colocou acerca das obras literárias: “As histórias permitem compreender que não existem culturas melhores ou piores, podendo a literatura ser um ótimo meio para um embarque na aventura rumo ao imaginário de povos fascinantes”. Assim, mediante o enredo das histórias, foi possível conversar sobre o que fora produzido desde o autorretrato, o “desenho mais bonito do mundo” até os “rostos montados”.

Neste momento, buscando, ainda, respostas diretas sobre o porquê de os rostos e os autorretratos terem sido representados pela cor bege, apesar de já se ter uma resposta indireta, o silêncio tomou conta da sala, deixando entender que, o fato de a personagem Luanda, de ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’, ser considerada feia, para algumas crianças, pode responder esta inquietação da mediadora.

Contudo, apesar de algumas resistências, outras crianças apresentavam-se mais “flexíveis”, autoafirmando ser Negra, assim como a personagem Luanda, considerando ainda que os sujeitos são diferentes e, por isso, todos devem ter sua história e seu modo de ser compreendidos e respeitados. No entanto, apesar desses olhares, por vezes significativos em relação às considerações das crianças e as suas ancestralidades, é urgente a necessidade de incorporar nas escolas perspectivas literárias que rompam com os silenciamentos étnico-raciais e que se estabeleçam posturas críticas ao mediar tais leituras (Castilho, 2009).

6. Considerações Finais

O trabalho de investigação e mediação literária da professora do contexto educativo de Alagoas, apresenta o ‘retrato’ de um acontecimento recorrente em uma turma, a utilização de uma cor de lápis para colorir corpos humanos, o ‘lápis cor de pele’. Tal acontecimento, não pode ser generalizado para todas as turmas da mesma escola ou região. Entretanto, essa paisagem, em dialética com autores de referência na temática, contribui para reflexões acerca da valorização da identidade e pluralidade dos estudantes e de como a mediação literária pode ser mobilizada para a valorização da diversidade.

Compreender que não existem pessoas melhores ou piores por conta de suas características físicas (Castillo, 2004), refletir com e sobre personagens e histórias presentes na literatura para a infância favorecem a cidadania, a empatia (Pinto *et al.*, 2022) e contribui para a desmistificação de conceitos identitários constituídos por estereótipos que as crianças,

por vezes, possuem e que provocam dificuldades em assumir sua etnia-racial, gerando conflitos mediante sua autoimagem.

Há muitas discussões no campo científico sobre a pesquisa-ação, cientes de que é uma metodologia que visa “mudar a realidade social com base em insights do cotidiano” (Bergold; Thomas, 2012, p. 4), a professora e mediadora literária utilizou como instrumento de recolha de dados, os diários de bordo produzidos durante o processo de formação e mediação literária, as ilustrações e atividades dos estudantes e os portfólios (Alves; Pereira, 2014).

A pesquisa evidenciou que através da literatura destinada às crianças é possível discutir de forma lúdica temas que são debatidos com agressividade nos diferentes espaços da sociedade. A discussão sobre diversidade racial, apoiada na literatura para a infância, rompe uma corrente tradicional e estereotipada sobre o Negro, haja visto que se encontra uma desconstrução da representatividade estigmatizada, a partir de características físicas e morais que o enaltece.

Embora perceptível que as crianças compreenderam, mediante a literatura, a existência de outros padrões, a partir da representatividade de personagens Negros, percebeu-se que as referências da branquitude, ainda pareciam predominantes nos seus imaginários. No entanto, é sabido que este estudo apresenta uma amostragem. Logo, atenta-se para a importância de outras pesquisas que tematizam as relações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil.

Referências

ALVES, António; PEREIRA, Fátima. Investigação-ação e formação contínua de professores: Das possibilidades de construção cooperativa das dinâmicas educacionais na escola. In: Lopes, Amélia et al. **Trabalho docente e formação: políticas, práticas e investigação: pontes para a mudança**. Porto: Editora CIEE, 2014.

BENTO, Oluwa Seyi Salles. Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: entrevista com Kiusam de Oliveira. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 25, p. 377-384, 2020.

BERGOLD, Jarg; THOMAS, Stefan. Participatory Research Methods: A Methodological Approach in Motion. **Forum: Qualitative Social Research**, v 13, 2012.

BIGNOTTO, Gilza. Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato. **Ver. Bras. Lit. Com**, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 56-79, 2021.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2006.

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes nacionais para a educação das relações e para o ensino de História e cultura Afro-brasileira e africana.** Brasília, DF: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.639,** de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 20 jul. 2023.

CAETANO, Ana Paula. Ética na investigação-ação – alguns apontamentos de reflexão. Revista: **Estreia Diálogos**, v.4, n.1, p. 53-73, 2019.

CAETANO, J. O.; GOMES, S. A. O.; CASTRO, H. C. Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–22, 2022.

CORDEIRO, L.S. **Design de Livro-brinquedo:** Concepção de um livro-objeto infantil, a partir de princípios básicos de narrativas (cenários e personagens). 2022. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

DE CASTILHO, Suely Dulce. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 7, n.1, p.103-113, 2004.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um.** Campo Grande, MS: Editora Alvorada, 2012.

ELLIOTT, Jonh. **Action Research for Educational Change.** Buckingham: Open University, 1991.

FILHO, Aluízio Alves. O Racismo em Monteiro Lobato, segundo leituras de afogadilho. Passagens. Rio de Janeiro: **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica.** vol 2, p. 355-407, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. Goiás: **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, p.109-121, 2011.

GONÇALVES, Suzana; CARPENTER, Markus A. **Diversity, intercultural encounters, and education.** UK: Routledge. 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 9.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

LOYOLA, Juliana Silva. Literatura infantil: o objeto livro como performance estética do contador. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 6, abril de 2011.

MARIOSIA, Gilmara Santos.; REIS, Maria da Glória dos. A influência da Literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**, [S. l.], v. 8, n. 1Supl., p. 42–53, 2011.

MÁXIMO-ESTEVEZ, Lídia. **Visão Panorâmica da Investigação-ação**. Porto: Porto Editora LDA, 2008.

MUNANGA, Kabenguele. (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, A. de S.; CARVALHO, M. E. G. Notas sobre os vinte anos da lei 10.639/2003 e educação antirracista: Notes in the twenty years of law 10.639/2003 and anti-racist education. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7272>. Acesso em: 23 nov. 2023.

OLIVEIRA, Sueli Ferreira de. **Lápis cor de pele**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora, 2020.

PIAGGE, Ana Claudia Magnani Delle; SOUZA, Tatiane Pereira. Bonecas negras: Valorizando a diversidade étnico-racial na educação infantil. **Xcopene**. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1530475841_ARQUIVO_Bonecasnegrasvalorizandoadiversidadeetnico-racialnaeducacaoinfantil.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O Espelho quebrado da Branquitude: Aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Casa Leira, 2014.

PINTO, Susana; PEREIRA, Anabela; MOREIRA, Gillian; GOMES, Maria Cristina; FANCA, Rosa. Mediação Intercultural, Comunicação, Cidadania e Desenvolvimento. Livro de Atas II Congresso Internacional, **RESMI**, 2022.

SANTOS, Elisângela da Silva. O Sítio do Picapau Amarelo e a sua divisão social do trabalho. Mediações - **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 249–266, 2007.

SANTOS, Rosane Barreto Ramos dos; QUEIROZ, Paulo Pires de. Interculturalidade: Instrumento de Mudança da Práxis Escolar. **Revista Aleph**, v 31, p. 363-377, 2018.

SIERRA, Gabrielly; PINHEIRO, Maria do Rosário. A RESMI (Rede de Ensino) A diversidade cultural representada nos livros ilustrados: uma análise dentro do paradigma do pluralismo cultural. In: PINTO, Susana; PEREIRA, Anabela; MOREIRA, Gillian, GOMES, Maria, Cristina; FANCA, Rosa (Coords). Mediação Intercultural, Comunicação, Cidadania e Desenvolvimento. **Livro de Atas do II Congresso Internacional**. Portugal, 2022. p. 55-74.

A autoimagem da criança com a literatura para a infância: mediação literária para a valorização da diversidade e práticas antirracistas

SILVA, Gillys Vieira. A Diversidade étnico-racial negra no contexto da Educação Básica e seu marco legal pós LDB: entre limites e controvérsias. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 14, n. 30, 2020.

SILVA, Luciana. Cunha.; SILVA, Katia. Gomes. O negro na literatura infanto-juvenil. **Revista Thema**, Pelotas, v. 8, n. 2, 2011.

TORRES, Angela de Oliveira. **Lápis cor de pele? De qual corpo humano falamos?** 2021. 102f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.

VYGOTSKY, Levi Semionovitch. **Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

Agradecimentos

Às crianças e à comunidade educativa da Prefeitura Municipal de Senador Rui Palmeira, no estado de Alagoas, pelo apoio, colaboração e reflexões durante o processo de mediação literária e investigação. Às professoras que participaram do Primeiro Ciclo de Formação da investigação-ação pelos diálogos e interações.

Sobre as autoras

Stefania de Brito Matos de Oliveira

Doutoranda em Educação pelo Instituto de Educação de Lisboa, área Formação de Professores e Supervisão (Lisboa/Portugal), mestra em Educação pelo Instituto Piaget, área Supervisão e Avaliação (Almada/Portugal), pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Castelo Branco (RJ/Brasil), licenciada em Letras pela Universidade da Cidade (RJ/Brasil), autora dos livros para a infância 'A menina dos olhos de alface' (2014), 'Uma aventura hospitalar' (2020) e 'O coelho colorido' (2022) e do livro 'Avaliação do Desempenho Docente: Olhares de avaliados e de avaliadores' (2023). E-mail: stefania.professora@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8970-6442>

Jaklane de Abreu Santos

Mestra em Ensino e Formação de Professores pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2023), licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL, 2019) com especialização em Educação do Campo e Sustentabilidade pela mesma universidade (UNEAL, 2020). Professora da Educação Básica, atuando na Rede Municipal de Senador Rui Palmeira, Alto Sertão alagoano. E-mail: jaklane.santos@arapiraca.ufal.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6082-7614>

Recebido em: 29/11/2023

Aceito para publicação em: 19/01/2024